

Plataformas digitais e a violência contra mulheres jornalistas: relações de poder e perpetuação do discurso de ódio

Catharina Iavorski[1]

Felipe Simão Pontes[2]

RESUMO
O texto busca estabelecer de que maneira a violência contra as mulheres jornalistas vem sendo facilitada dentro dos ambientes das plataformas digitais. A partir de relatórios de violências contra a classe profissional, o trabalho utiliza dados para compreender como a violência ocorre nesses ambientes e busca associar as violências a partir das ideias de discurso de ódio e relações de poder. A partir do exposto, percebe-se como as plataformas acabam se destacando como facilitadores das violências, assim como já estão estruturadas no ambiente *offline* e também devido a fragilidade de diretrizes das plataformas que acabam por negligenciar as agressões.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Gênero; Violência; Relações de Poder;

INTRODUÇÃO

A violência contra jornalistas é uma realidade exposta em diversos relatórios nacionais e internacionais, como é o exemplo dos materiais produzidos pela Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (ABRAJI), Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) e pelo Committee to Protect Journalists (CPJ). A partir dos dados, é possível perceber como a categoria vem sendo alvo de diversos tipos de ataques, no âmbito presencial, mas principalmente no ambiente online.

O foco deste trabalho é trazer os dados presentes em relatórios produzidos para evidenciar como as plataformas digitais têm se destacado como um ambiente de violência para os jornalistas. Em uma perspectiva metodológica, o trabalho foca na pesquisa documental/ análise documental, focando em relatórios que abordam a realidade no Brasil, e também em uma perspectiva internacional. Além disso, é realizada a reflexão teórica com textos e pensadores que dissertam sobre as relações

[1]Catharina Iavorski é mestranda em Jornalismo e graduada em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. E-mail: mariacatharina.18@gmail.com .
[2]Felipe Simão Pontes é professor do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa., e está na coordenação do Programa desde 2024. Também é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais Aplicadas. E-mail: fspontes@uepg.br.

nas plataformas digitais, as relações de poder presentes em tais e também em como a violência contra a categoria se estabelece nesse cenário.

Realizando um recorte micro, os relatórios revelam como as violências e ataques contra a classe jornalística tem uma característica de ataques de gênero, tendo como alvo as mulheres presentes na profissão. O relatório *The Chilling: Global trends in online violence against women journalists* produzido pela UNESCO revela que “as empresas de redes sociais são os principais facilitadores da violência online” (Posetti, Shabbir, Maynard, Bontcheva e Aboulez, 2021). Sendo assim, o trabalho busca compreender como as plataformas trabalham como facilitadoras destas violências contra as mulheres jornalistas.

DESENVOLVIMENTO

O conceito de violência se mostra múltiplo e complexo, sendo difícil de defini-lo de maneira única. Porém, a violência neste contexto é compreendida a partir da ideia de danos físicos e/ou psicológicos, que incluem humilhações e ofensas, assim como citado por Paviani (2016). Reforçando essa ideia, Krug (2002) define que a violência está ligada ao “ uso intencional de força física ou poder, ameaçado ou real, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou comunidade” (Krug, 2002. p.5).

> A origem do termo violência, do latim, *violentia*, expressa o ato de violar outrem ou de se violar. Além disso, o termo parece indicar algo fora do estado natural, algo ligado à força, ao ímpeto, ao comportamento deliberado que produz danos físicos tais como: ferimentos, tortura, morte ou danos psíquicos, que produz humilhações, ameaças, ofensas. Dito de modo mais filosófico, a prática da violência expressa atos contrários à liberdade e à vontade de alguém e reside nisso sua dimensão moral e ética (Paviani, 2016. p.8)

Sendo assim, é possível refletir como os relatórios demonstram esses tipos de violência dentro do ambiente digital. A partir dos levantamentos, serão percebidos os dados de agressões, as principais plataformas que as violências acontecem e de que maneira violência contra as mulheres jornalistas está ligada a agressões generificadas e sexistas.

Partindo, primeiramente, de uma perspectiva nacional, a ABRAJI, lançou um relatório em 2024, intitulado “Violência on-line: a internet como arena de ataques contra jornalistas”. Durante o levantamento, é enfatizado que, em 2023, 52,1% dos alertas de agressão estavam conectados ao ambiente digital, na origem ou no

desdobramento. Em relação aos ataques de gênero, em 2023, 65,6% dos alertas explícitos de gênero tiveram origem ou repercussão na internet.

Pensando nos tipos de violência, o relatório destaca que a maior ocorrência de ataques no ambiente online foram de discursos estigmatizantes, somando mais de 89% dos casos registrados. O relatório afirma que “os resultados gerais apontaram que a internet é, com frequência, arena de agressões a comunicadores e meios de comunicação” (Abraji, 2024. p.49). Ou seja, percebe-se como no Brasil a violência está presente no ambiente digital de maneira significativa, marcando mais da metade dos casos.

Outra pesquisa realizada pelo Repórteres sem Fronteira juntamente com o Gênero e Número[3], revela que 41,9% das mulheres jornalistas que responderam a pesquisa, sofreram violência online. Além disso, segundo a pesquisa, a violência no ambiente online gerou novos ataques em 36,6% dos casos. Quanto às plataformas que concentram as agressões, há um destaque para o Facebook com 26,2% e o X com 20,6%. E de acordo com a ABRAJI, em 2022, o X se mostrou como a plataforma mais problemática visto que é um espaço aberto para o envio de mensagens hostis e violentas contra profissionais do jornalismo.

Além dos relatórios destacarem os ataques contra as mulheres jornalistas, os dados mostram como existe uma concentração em determinadas plataformas digitais, como o X e o Facebook. Segundo D’Andrea (2020), as plataformas incentivam os usuários a deixarem informações de suas relações, a partir das lógicas de conexão social. Sendo assim, percebe-se como as relações sociais já estabelecidas no ambiente *offline* passam a ocupar as plataformas. E a partir do momento que há uma emergência e destaque no uso de tais, fica claro como essas plataformas facilitam algumas ações e relações sociais.

A partir do exposto que as plataformas são feitas para organizar usuários e estabelecer relações, assim como D’Andrea evidencia, é possível perceber a união e cruzamento entre as “dimensões materiais, políticas e culturais das plataformas” (Van Dijck, Poel e DeWall, 2018 *apud* D’Andrea, 2020, p.20-21). Uma vez que as relações são estabelecidas nas plataformas, é necessário refletir sobre como elas estão acontecendo e definir termos e operações para um equilíbrio das relações sociais,

[3] A pesquisa contou com 237 respostas válidas.

onde não haja uma deliberação de ações violentas e agressivas - no caso desse recorte estabelecido.

Ou seja, nos casos em que as violências contra as profissionais acontecem, as plataformas poderiam estabelecer termos e diretrizes que punissem atores sociais que agredirem as jornalistas. Ou que, minimamente, diminuíssem os espaços e visibilidades dados para conteúdos criados pelos agressores para que não houvesse essa característica de plataformas digitais como facilitadoras das violências.

De acordo com o relatório do Repórteres sem Fronteira com o Gênero e Número, quando os/as jornalistas são questionados sobre as denúncias em relação às agressões, apenas 5,3% buscaram reparação jurídica. O relatório conclui que a falta de denúncias representa o "cenário de impunidade e intimidação" nesses ambientes. (Repórteres sem Fronteiras, Gênero e Número, 2022. p.62).

Focando em uma perspectiva internacional, o relatório *The Chilling: Global trends in online violence against women journalists*, foi realizado com 901 jornalistas em 15 países. Os dados revelam que 75% das mulheres que responderam a pesquisa sofreram violência no ambiente online. O relatório também mostra que 41% dos casos de ataques estavam vinculados a uma campanha de desinformação, 49% das pautas e matérias atacadas tinham relação com gênero.

A pesquisa da UNESCO também faz um destaque quanto às violências que se cruzam interseccionalmente contra as mulheres, como raça e sexualidade. Onde 81% das jornalistas que se identificam como negras, 86% que se identificam como indígenas e 88% das mulheres jornalistas judias que se identificam relataram ter sofrido violência online. Além disso, as taxas de exposição para aquelas que se identificaram como lésbicas e bissexuais foram de 88% e 85% respectivamente.

Sobretudo, é possível destacar como as agressões vêm acompanhadas ou acontecem com um discurso de ódio e estigmatizante contra as mulheres jornalistas. De acordo com o relatório da UNESCO, há um destaque para os xingamentos machistas e sexistas. Em uma análise sociológica da criação e uso da internet e das redes sociais, Miskolci e Balieiro (2018) levantam a questão sobre como a comunicação nesses ambientes está ligada à humilhação e ao discurso de ódio.

> Ao invés da construção de consensos, as redes sociais têm criado confli-tos reconhecidos analiticamente como "bolhas de opinião" que se formam/expressam nas plataformas online por meio da automatização

> das formas de comunicação direcionadas por algoritmos, o que reforça a troca entre pessoas e grupos com opiniões semelhantes e desencoraja a divergência de opinião. Além disso, as interações sociais em rede também têm se revelado um meio para a disseminação de discursos de ódio (BELELI, 2016) e formas diversas de perseguição, assédio e linchamento online. (Miskolci; Balieiro, 2018. p.144)

Percebe-se como o próprio discurso de ódio cria uma adaptação para estar presente nas plataformas digitais. Claro que o discurso de ódio e a forma misógina de produzir violências contra as mulheres jornalistas está presente no ambiente *offline*, porém há essa migração e adaptação para as plataformas, se manifestando em agressões verbais estigmatizantes e generificados.

Além disso, é possível discutir sobre como as violências que ocorrem no ambiente online são transcritas dominações e relações de poder. Castells (2009), define que as relações de poder são uma dominação estrutural baseada na violência. Ou seja, essas violências têm relação com as questões de poder e domínios presentes na sociedade estruturalmente - e nesse caso deve-se levar em consideração as relações de poder impostas pelas questões de gênero.

Há também que se refletir sobre as agressões que integram essas relações de poder já estão presentes em diversos âmbitos da sociedade e do jornalismo, porém, quando são expostas à realidade do ambiente online essas relações se alteram e ganham um outro espaço de manifestação. Castells (2009) - quando se aprofunda nas discussões de sociedade em rede - estabelece que nesta sociedade os discursos são gerados, difundidos, debatidos e internalizados, e assim, são incorporados na ação humana. Ou seja, é possível refletir sobre como os discursos contra as jornalistas, criados neste contexto, tem sido difundido e internalizado, em certa medida.

Assim sendo, os relatórios revelam como o jornalismo vem sofrendo diversos ataques. Entretanto, há uma readaptação e transferência de violências para o ambiente das plataformas digitais, que acaba por revelar como as plataformas digitais são um novo espaço para a disseminação do discurso de ódio e de agressões contra as mulheres jornalistas. As relações de poder já presentes na sociedade, são estabelecidas também nesses ambientes, assim, reforçando problemas estruturais presentes contra a categoria e contra as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, é importante destacar que se entende que não há uma transferência total das ações do ambiente offline para o online. A violência contra as jornalistas no ambiente offline continua existindo - isso quando as profissionais não são agredidas em ambos os espaços - entretanto, é possível perceber a crescente de ataques nas plataformas online.

A partir dos dados apresentados, também é perceptível como a violência contra a categoria não é algo localizado apenas no Brasil ou em outros países. É uma realidade que atinge a categoria jornalística e ainda mais quando o recorte estabelecido foca nas agressões de gênero contra as mulheres jornalistas, em uma perspectiva interseccional.

Além disso, é necessário levar em consideração como as profissionais são afetadas por conta das agressões que sofrem, levando a consequências profissionais - que afetam o jornalismo - e pessoais - atingindo as vidas das mulheres jornalistas - como abandono do uso das plataformas, alterações na forma de produzir os materiais jornalísticos para evitar ataques e agressões e ainda a alteração no uso das redes pessoais.

Também é importante estabelecer de que maneira a própria profissão tem lidado com os ataques contra a classe jornalística. Existe uma preocupação por parte das empresas jornalísticas em lidar com os ataques que as jornalistas sofrem nas plataformas digitais? Ou existem mecanismos para que se possa lidar com os processos pós-agressão de maneira que contemple jornalistas?

Sendo assim, é possível pensar nas ações dos usuários que reafirmam e mantém o discurso de ódio dentro das plataformas, nos mecanismos das plataformas para que haja uma alteração na lógica de disseminação de violências no ambiente online. E ainda, reflete-se sobre como a própria profissão tem lidado com a questão da violência que atinge a categoria.

Referências bibliográficas

ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **Monitoramento de Ataques a Jornalistas no Brasil.** Edição 2023. Disponível em: https://abraji-bucket-001.s3.sa-east-1.amazonaws.com/uploads/publication_info/details_file/2da5b679-2702-4121-bce1-cd23cb962f06/Relatório_-_Ataques_contra_jonalistas_de_2023_FINAL_alta_resolução.pdf



ABRAJI, Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo. **Violência on-line: a internet como arena de ataques contra jornalistas.** 2024. Disponível em: https://abraji.org.br/publicacoes/violencia-on-line-a-internet-como-arena-de-ataques-contra-jornalistas.

CASTELLS, Manuel. Capítulo 1 - "El poder en la Sociedad-Red". In: **Comunicación y poder.** Madrid: Alianza Editorial, 2009.

D'ANDRÉA, Carlos. **Pesquisando plataformas on-line: conceitos e métodos.** Salvador: Edufba, 2020.pp .14-52.

Gênero e Número, Repórteres sem Fronteiras. **O impacto da desinformação e da violência política na internet contra jornalistas, comunicadoras e LGBT+.** 2022. Disponível em: https://desinformacao.generonumero.media/wp-content/uploads/2022/04/PesquisaDesinformacaoGN_RSF_relatorio-final.pdf.

INTERNETLAB; INCT.DD; INSTITUTO VERO; DFRLAB; AZMINA; VOLT DATA LAB. **Como operações de influência entre plataformas são usadas para atacar jornalistas e enfraquecer democracias?** São Paulo, 2022. Disponível em: https://internetlab.org.br/wp-content/uploads/2022/09/COMPLETO-Como-operacoes-de-influencia-entre-plataformas-sao-usadas-para-atacar-jornalistas-e-enfraquecer-democracias_4.pdf.

KRUG, Violence a global public health problem. **World report on violence and health**. Geneva. 2002. Disponível em: https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/42495/9241545615_eng.pdf.

MISKOLCI, Richard; BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. Sociologia Digital: balanço provisório e desafios. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 6, n. 12, p. 132-156, jan./abr. 2018. Disponível em: https://rbs.sbsociologia.com.br/rbs/article/view/352/202.

PAVIANI, Jayme. Conceitos e formas de violência. In: **Conceitos e formas de violência.** Org. Maura Regina Modena. – Caxias do Sul, RS: Educs, 2016. Disponível em: https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-conceitos-formas_2.pdf.

POSETTI, Julie. SHABBIR, Nabeelah. MAYNARD, Diana. BONTCHEVA, Kalina. ABOULEZ, Nermine The chilling: Global trends in online violence against women journalists. **New York: United Nations International Children's Emergency Fund** (UNICEF),2021. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000377223.